

CADERNOS AH!

#04



OS DOIS PÓLOS DO SILÊNCIO

María Zambrano

Os Dois Pólos do Silêncio

María Zambrano

Paginação: Fernando Ramalho

Origem do texto: María Zambrano, *Las palabras del regreso*,

Ediciones Cátedra, 2009.

Imagem da capa: Raúl Cancio, 1998.

Março de 2023

www.muralsonoro.com

muralsonoro.info@gmail.com

A Salvador de Madriaga

As acções humanas cumpridas em silêncio, independentemente da máxima precisão dos gestos que as realizam e dos resultados que procuram, parecem tomadas de surpresa quando observadas ao longe, como se o espectador descobrisse o seu segredo. E por vezes parecem uma cena que sucedeu há muito tempo, noutra época da história, do outro lado dessas barreiras que as mudanças históricas levantam,

María Zambrano (1904-1991) foi uma escritora e filósofa espanhola.

como uma visão que atravessa, transcende o tempo e as suas forças.

Distância no espaço, lonjura no tempo, são notas do sentir que acompanham a percepção deste agir em silêncio que se verifica no presente, no imediato; como se o espaço e o tempo se fechassem num sentido e se abrissem noutro: se fechassem envolvendo assim quem realiza silenciosamente a acção; se abrissem, se alargassem até quase desaparecerem a quem a contempla. Consequentemente, actor e contemplador estão situados em dois sistemas espaço-temporais diferentes, estranhos e enigmáticos entre si, como o sonhador face às figuras e acontecimentos dos seus próprios sonhos.

Mas também sucede, por vezes, como numa outra espécie de sonho, que o sonhador e o sonhado se identifiquem ou, ao menos, se interpenetrem. O que observa antecipa o gesto que vai fazer o que actua, sabe o que ele fará, uma vez que percebe melhor o que ele está a fazer; compreende imediatamente a finalidade e o sentido dessa acção que vê desenrolar-se a partir de dentro – o que não significa que a aprecie ou que a considere boa.

E assim se produzem, no que se refere ao conhecimento, duas situações-limite, igualmente ex-

tremas em cada caso: a estranheza, num e noutro, esse saber que não incita, não argumenta, não imagina, nem sequer prevê. Esse raro saber que se aproxima da identidade, ou da identificação, um saber sem palavras, silencioso com a acção que o suscita. Um saber imediato, que se dá numa espécie de inocência, contíguo ao «saber absoluto», se é que alguma vez este se manifestou no ser humano. Uma inocência anunciadora do saber absoluto, melhor dito.

Então, nesta situação tão análoga à do sonho, quando durante a vigília algo se cumpre sem palavras, actor e contemplador são como dois enigmas, estranhos entre si e, apesar disso, apropriam-se um ao outro, uma vez que o actor sente o contemplador como alguém que o observa a partir de um outro plano – o que observa está sempre, em princípio, num plano mais elevado. Ou então estabelece-se instantaneamente uma comunicação que se torna uma espécie de continuidade no tempo fluido, no tempo que se move de uma forma, digamos, mais circular do que rectilínea.

Num caso, a palavra não tem possibilidade de surgir; no outro, a palavra não é necessária. São os dois silêncios ou, melhor dizendo, os dois pólos do

silêncio que circundam e limitam a palavra – essa esfera inexplorada. Dois pólos nos quais o silêncio se condensa e se revela, já que há outras modulações do silêncio entre a palavra e que está para lá dela; o silêncio inalcançável e inalcançado.

No pólo negativo – quando a palavra não pode surgir entre o que actua e o que contempla – é um silêncio que mergulha na acção assim cumprida. E, obviamente, a quietude pode ser assimilada, neste caso, à acção; a quietude é também acção. É o silêncio que mergulha, e daí a distância espacial e a inadequação temporal, uma vez que tanto uma como a outra são aspectos da inacessibilidade.

E torna-se inacessível tudo o que permanece submerso: pela noite, pelo silêncio, pelo sonho. Quando a vida é abandonada à sua autonomia inicial, à sua autonomia solitária, e vaga sem direcção fixa, quase só um receptáculo, sem o ser que a sustenha, e assim segue essa vida vagamente orientada, como nos sonhos, no sonho em que o homem – o animal desperto entre os demais – mergulha.

E a vida assemelha-se então a uma morte que transita, a uma morte que se desloca sob o pólo negativo do silêncio.

Ao mesmo tempo, o outro pólo, o positivo, é o da vigília perfeita, quando a acção, que é o des-
pertar, deixa de certo modo de sê-lo por se cumprir
inteiramente. É um estado, um estado do ser. A pala-
vra deixa de ser necessária, já que o sujeito se torna
presente para si mesmo e para quem o percepcione.
É o silêncio diáfano onde se dá a presença pura; a
presença total, tão total quanto algo humano pode
ser.

Presença total em que o poder, o saber e o amor
se encontram inseparáveis, fundidos, enquanto dure
este estado que, na condição humana, é excepcional
e transitório. É um estado privilegiado, na verdade,
enquanto objectivo, mas é o pressuposto da condição
humana e exigência do seu cumprimento. E sucede
que o silêncio, no seu pólo positivo, acompanha esse
cumprimento quando a presença prevalece; quando
até a acção se converte numa presença.

Mas também haverá silêncio quando a presen-
ça pura e total em que o poder, o saber e o amor se
fundem dê lugar a uma presença determinada, con-
siderada predominante, seja pelo poder, pelo saber
ou pelo amor. Isso ocorre quando o amor não dá
resposta ao poder ou ao saber, quando ele próprio

falha, o quando o amor pobre, exasperado, é desprovido de entendimento – do seu próprio, congénito entendimento –, por lhe faltar a inocência e a fé que lhe é intrínseca. E então teme. À presença deste amor desprotegido corresponde, ainda assim, um silêncio positivo, de acordo com o amor que, em todo o caso, lhe corresponde. Mas a par, entremeado, um silêncio negativo pode chegar à impossibilidade de encontrar uma palavra por parte daquele que sofre. Situação transitória, se se mantém o amor, uma vez que acabará por compensar a falta de poder activando directamente o pensamento. E assim será, sobretudo, quando o seu transcender se anime, quando, a sós, encontre o conhecimento e, com ele, a palavra, libertando-se do silêncio negativo. Uma palavra certa com o seu silêncio próprio, como acontece com as palavras certas; melodia, música. Na verdade, um processo análogo ao que tem lugar quando a morte, ausência absoluta, levou a presença de algo ou alguém amado.

E são estas presenças que se dão na plenitude, seja do poder, do saber ou do amor, isolados, e portanto desprotegidos, quando surge a necessidade da palavra e a sua possibilidade; uma possibilidade

restrita que depende da proporção em que entre o negativo e da qualidade, da pureza com que se mantenha o amor, o saber e até o poder.

Mas pode o saber subsistir separado do amor e do poder? E o poder, é capaz de manter-se por si? Na medida em que isto ocorra, o saber des-amarrado (des-ligado, des-religado) precipitar-se-á em palavras, numa montanha de palavras sem eco possível nem resposta alguma. Palavras que, ao excluírem por completo o silêncio – o positivo –, mais não farão do que ocupar a sua presença, sem que venham a estar, elas próprias, alguma vez presentes: palavras que não podem passar para outro sujeito, condenadas a permanecer onde surgiram, bloqueadas para o diálogo.

Uma vez que o diálogo surge de um silêncio específico que transportam consigo as palavras nascidas de um saber que não se encerra em si mesmo, o saber que se procura a si mesmo em comunidade («A ciência que procuramos», segundo as palavras de Aristóteles no que depois veio a ser designado pela sua *Metafísica*), ele é o que abre o diálogo, visto que é já diálogo em si mesmo, ainda que durante muito tempo ninguém tivesse chegado a entrar nesse espa-

ço. A palavra de diálogo pode ficar muito tempo sem mais resposta do que o silêncio, ganhando com ele, às vezes em profundidade. Toda a palavra nascida do poder do *logos*, ainda que ela mesma, por si, nem sequer tenha quem a profira, virá a cumprir-se para lá da situação em que surge, já que é o poder do *logos* que abre o futuro.

E outra coisa não é o diálogo do que este prosseguir-se da palavra atravessando o espaço e o tempo.

Já a presença do poder, do poder por si, tem outro destino, uma vez que não tem sucessão. O que se segue à presença pura é a palavra que, por sua vez, se produz quando essa presença se vê alterada por uma negação ou uma por falha que, no entanto, não atinge o seu núcleo invulnerável.

O poder vem a ser *poder por si* à força de negar, de constranger até ao silêncio forçado toda a presença pura, de que pretende ser o exemplar único, na medida em que o poder se vai reduzindo a si precisamente nisso, em ser capaz de, apenas à força, relegar tudo o que, por ser invulnerável, não pode juntar-se a ele, nem a nada, porque não pode, simplesmente, *juntar-se*: amor, pensamento. O poder vai-se reduzindo a si por só admitir em seu redor quem se lhe

possa juntar, por não discernir nem sequer ver mais do que aquelas presenças que se lhe poderiam juntar, ou que, segundo ele, se lhe deveriam juntar. Mas se assim o fizessem, acabariam abolidas, tornando-se inúteis mesmo para o poder, que deixaria de ter olhos para elas. Os olhos do poder só olham para o que querem.

É uma solidão sem palavra, a do poder por si. A sua presença não passa de um facto; o facto bruto do poder que surge como a força de uma sombra. Condensa o silêncio e rompe-o violentando-o com palavras carregadas da pretensão de serem apenas uma, uma só palavra que acabe com todas as outras, e mesmo com o próprio silêncio, ocupando-o para sempre. A presença deste poder solitário é um reflexo do pólo negativo do silêncio, o braço armado que o executa, contra a presença total em que se fundem poder, saber e amor e contra a presença desvalida do amor e do saber que, se não têm poder, é por estarem germinando ou em vias de crescimento.

E é o poder por si que pode reproduzir a pura totalidade, um todo negativo, com pretensão de absoluto em espaço, tempo e ser. O «saber absoluto» não recusa este poder. Pelo contrário, postula-o, por

precisar dele, porque com ele terá o domínio sobre todas as demais presenças, cuja manifestação conheceria e declararia. Mas essa declaração só pode produzir-se no silêncio positivo. A sua impossibilidade provoca a violência do poder que, nesta como em todas as suas manifestações, tem de reiterar no tempo, instante a instante, o que é absolutamente incapaz de conseguir num só instante.

E faltando-lhe o amor, o poder por si vai-se afundando na negação – que, paradoxalmente, se vê forçado a afirmar com o único meio que lhe resta. E as suas palavras, privadas de amor, não têm resposta nem réplica. O amor só pode responder com o silêncio, o positivo; o amor recolhido, voltado sobre si mesmo, envolve-se no seu silêncio, quando o amor com o seu próprio silêncio, que vem do *logos*, assegurará que continue rodando no tempo sucessivo essa palavra de violência que o poder lançou sobre a sua presença. Essa palavra que quis ocupar o tempo por inteiro terá o seu próprio reflexo apenas repetindo-se na negação, sem resposta possível, girando em torno do pólo negativo do silêncio absoluto.

AH!

Associação Mural Sonoro

Cç. Santana, 169

1150-303 Lisboa